

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Lourdes Maria da Conceição Miranda

A INFREQUENCIA NAS AULAS DE GRUPO DE APOIO: RAZÕES  
APONTADAS PELOS JOVENS.

JUVENTUDE, ESCOLA E CULTURA

CONGONHAS – 2012

Lourdes Maria da Conceição Miranda

A INFREQUENCIA NAS AULAS DE GRUPO DE APOIO: RAZÕES  
APONTADAS PELOS JOVENS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude e Escola, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Maria Zenaide Alves

CONGONHAS - 2012

Lourdes Maria da Conceição Miranda

A INFREQUENCIA NAS AULAS DE GRUPO DE APOIO: RAZÕES  
APONTADAS PELOS JOVENS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude e Escola, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Maria Zenaide Alves

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Maria Zenaide Alves – Faculdade de Educação da UFMG - Orientadora

---

Prof. Renata Silva Bergo – Faculdade de Educação da UFMG

---

Prof. Shirlei Rezende Sales – Faculdade de Educação da UFMG

## **DEDICATORIA**

Dedico esse trabalho a todos os jovens estudantes, aos educadores que acreditam no potencial de seus alunos e a quem acredita em uma educação de qualidade para todos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por me iluminar nos momentos difíceis. À minha família que tanto me ajudou e incentivou, acreditando no resultado deste trabalho. À minha professora, Zenaide, e a todos os professores que contribuíram com seus conhecimentos e disposição.

## RESUMO

A infrequência no Grupo de Apoio dos alunos estudantes do PAV é uma situação problema identificada na realidade da Escola Municipal “João Narciso”, que interfere significadamente em seu cotidiano escolar. Partindo desta constatação, buscou-se então identificar e compreender os motivos que levam esses jovens estudantes a não frequentarem o GA, projeto organizado pela escola para minimizar suas dificuldades de aprendizagem, em horário contra turno às aulas regulares. Para tanto, se fez necessário identificar os motivos da infrequencia no GA a partir da perspectiva do jovem estudante. Para fins desse trabalho, observou-se que o maior índice de infrequencia no GA concentra-se na turma do PAV. Percebeu-se então, a necessidade de conhecer um pouco mais sobre esses estudantes. Aplicou-se com esse fim um questionário sócio cultural que juntamente com os dados do SGE (Sistema de Gestão Escolar), confirmou-se a necessidade de intervenção prática que possibilitasse a identificação e compreensão das possíveis razões que levam para esse fato. Desenvolveu-se então, uma roda de conversa baseada na reflexão e discussão a cerca do tema infrequencia nas aulas de GA, tendo como produção final uma filmagem. Com essa prática pedagógica, a partir da perspectiva dos estudantes, o que mais desmotiva os alunos a frequentarem as aulas do GA são as práticas educacionais que não atendem as necessidades dos jovens estudantes, o retorno à escola em horário diferenciado as aulas regulares e a necessidade de trabalharem no mesmo horário que as aulas do Grupo de Apoio é oferecida pela escola.

**Palavras chaves** - Infrequência, juventude, Grupo de Apoio.

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2- DESCRIÇÃO DA ESCOLA</b> .....	9
2.1 - Histórico.....	9
2.2 - Infra estrutura: .....	10
2.3 - Recursos humanos .....	10
2.4 - Ações sociais e projetos: .....	11
2.5- Sujeitos:.....	12
2.6- Me situando no contexto:.....	14
<b>3- SITUAÇÃO PROBLEMA</b> .....	15
<b>3.1-</b> O grupo de apoio/aulas de recuperação .....	15
3.2 - Infrequência ao grupo de apoio.....	16
<b>4- REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	20
4.1 - Fracasso escolar:.....	20
4.2 - Evasão escolar .....	21
4.3 – Autoestima:.....	22
4.4 - Juventude .....	23
<b>5-PLANEJAMENTO DA AÇÃO:</b> .....	24
5.1 – Objetivos:.....	25
5.2- Público alvo e objetivo .....	25
5.3 - Metodologia da ação.....	25
<b>6-RELATO DA AÇÃO</b> .....	27
<b>6.1- Questionário aplicado aos jovens</b> .....	28
6.1.1 - Perfil dos jovens (anexo 1).....	28
6.1.2 - Os jovens e a relação com a escola (anexo 2).....	29
6.1.3- Os jovens e a relação com o trabalho (anexo 3) .....	31
6.1.4 - Os jovens, o lazer e os planos para o futuro (anexo 4) .....	32

6.2 - Momentos iniciais da prática.....	33
6.3- Roteiro elaborado pelos jovens alunos .....	<b>35</b>
6.4 - Roda de conversa (vídeo em anexo) .....	<b>36</b>
<b>7 - ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA .....</b>	<b>37</b>
7.1- Pontos positivos e negativos.....	<b>42</b>
<b>8-CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
8.1 - A voz dos jovens.....	<b>42</b>
8.2 - Tempo dos jovens dedicado ao trabalho.....	43
8.3- Distância de casa e o retorno à escola .....	<b>43</b>
8.4 - Relação professor x alunos.....	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>46</b>



## **1-INTRODUÇÃO**

A garantia do acesso e da permanência das crianças e adolescentes na escola compõe a pauta de muitas discussões no campo da educação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases (1996), e os acordos internacionais têm buscado assegurar o direito à educação; porém o que se percebe no cotidiano escolar é um alto índice de infrequência e evasão. Cabe ao poder público garantir ao sucesso à escolarização, o que acontece na medida em efetivas políticas públicas; contudo o sucesso escolar e a permanência na escola ainda é um problema.

A Rede Municipal da Educação de Congonhas tem como proposta minimizar o insucesso escolar nas escolas através do Grupo de Apoio. O Projeto do GA - Desafios do Aprender e Ensinar, é um projeto que foi criado em 2005, pela Secretaria Municipal de Educação para ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagens e também os que estão em distorção da idade/série. As aulas do GA acontecem em horário contra turno às aulas regulares. Os professores que trabalham com os alunos do GA precisam trabalhar com atividades diferenciadas para conseguirem alcançar o objetivo de aprendizagens dos alunos que frequentam o GA. Seu objetivo é reverter o quadro de distorção idade série, diminuindo o alto índice de alunos repetentes e ou com histórico de fracasso escolar eliminando estigmas relativos à incapacidade para aprender e promovendo uma educação pautada no direito de todos aprenderem.

Diante da necessidade de se conhecer os motivos que levam os alunos da escola “João Narciso” a não participarem do GA e se observar as consequências negativas que acarreta na vida escolar desses alunos, é proposto como trabalho para a disciplina da ACPP – Análise Crítica da Prática Pedagógica um projeto de intervenção no qual os próprios estudantes serão protagonistas de uma roda de conversa (investigação), tendo como enfoque o olhar e a percepção dos jovens estudantes de uma turma do 6º e 7º anos do PAV (Programa Acelerar para Vencer) para a infrequência no GA.

Busco então a partir dessa prática, identificar e compreender as razões que levam esse grupo de alunos a não frequentarem as aulas do GA, sob o ponto de vista dos jovens estudantes, problematizando questões relativas às peculiaridades juvenis e seus desejos. Para tanto se faz necessário identificar os motivos da infrequência nas aulas do GA a partir do olhar dos jovens estudantes; compreender qual significado que a escola assume na vida desses jovens.

## **2- DESCRIÇÃO DA ESCOLA**

### **2.1 – Histórico**

A escola “João Narciso” está localizada no Bairro Joaquim Murtinho, próximo às margens das BR 040 e MG 383. Atende alunos de Bairros vizinhos como Vila Cardoso, Vila José Marques, Vila Matias, Bairro Ipiranga, Vila São Luiz e outra parte do Bairro pertencente à Cidade de Conselheiro Lafaiete. A escola possui um prédio de tamanho médio que atende alunos de Educação Infantil ao 9º Ano do Ensino Fundamental.

Ela foi criada em 14/02/1954, sendo considerada uma escola rural, sem prédio próprio, com nome de Escola Reunida “Dr. Joaquim Murtinho”, funcionando em salas de residências, cedidas pelos moradores.

Um comerciante local doou um terreno na Rua Aparecida s/nº e a Prefeitura Municipal de Congonhas construiu o prédio que foi denominado Escola Estadual “Dr. Joaquim Murtinho”, sendo inaugurada em 23/04/1967 com a tipologia 1.2.0. Z. O nome dado à Escola foi em homenagem ao ilustre engenheiro que construiu a Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Em 01/08/1989, com o decreto 29.879, passou a denominar-se Escola Estadual “João Narciso”, em homenagem ao doador do terreno. O estabelecimento de ensino de 1º grau era mantido pelo governo do Estado de Minas Gerais.

Municipalizada com a resolução 7.401, aos 14 de março de 1994, no governo do Exmo. Prefeito Gualter Pereira Monteiro passou a denominar-se Escola Municipal “João Narciso” com Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries e

Educação Infantil, com tipologia 1.4.0. Z, tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Congonhas. Sendo assim reinaugurada com prédio novo em 17/06/1995. Foi criada na mesma data a bandeira da escola na cor palha e escrita azul-marinho, com as características: planta nativa Congonhas, cercada pelas rodovias do Estado de Minas Gerais.

## **2.2 - INFRA ESTRUTURA**

A Escola Municipal “João Narciso” é composta por 06 salas com a capacidade máxima de 25 alunos; 05 salas com a capacidade máxima entre 13 e 18 alunos; corredor com vários murais, onde é possível explorar a produção dos alunos; um Laboratório de Informática com 15 computadores; sala com “Mesinhas Educativas” para alunos de Educação Infantil ao 5º ano; uma sala dividida para Vídeo, Recursos, Grupo de Apoio e oficinas do “Projeto Arte na Escola”; Secretaria; Sala da Direção; Sala Pedagógica; Sala de Professores; Rádio Escola (mais utilizada por alunos); Cozinha e Refeitório amplos; Quadra; Pátio; Banheiros femininos, masculinos e dois destinados à Educação Infantil; rampas que facilitam o acesso dos deficientes físicos às dependências da escola; uma Biblioteca Comunitária, funcionando em prédio anexo. Todos esses citados são freqüentados por professores, alunos e funcionários.

A escola possui um espaço mal utilizado no momento, onde será instalado um parquinho destinado aos alunos de Educação Infantil, a escola aguardada as obras da Prefeitura Municipal de Congonhas para conclusão do mesmo.

## **2.3 - Recursos humanos**

O corpo docente da escola é composto por 05 professores de português, 04 professores de Matemática, 02 professores de História, 03 professores de Geografia, 02 professores de Ciência, 01 professor de Espanhol, 01 de professor de Língua Inglesa, 01 professor de Ensino Religioso, 01 professor de Educação Física, 01 professor de Artes, 01 de Literatura e 12 professores das

Séries Iniciais. Sendo que todos os professores são efetivos da Rede Municipal de Ensino de Congonhas.

Quanto aos funcionários dos diferentes setores a escola dispõe de 01 Diretora, 01 Vice diretora, 02 Pedagogas, 01 Secretário escolar, 02 Auxiliares de Secretaria, 02 Auxiliares de biblioteca, 01 Laboratorista, 02 Apoios Pedagógicos, 06 Cantineiros e 01 Faxineira. A escola também dispõe de funcionários de empresa terceirizada, sendo 03 Faxineiras e 04 Vigias.

A escola possui quatro professores do Grupo de Apoio, sendo que dois são professores PEBI. Esses professores atendem os alunos do Ensino Fundamental. Os outros dois professores são PEBII, sendo que um professor é de matemática e outro de português e atendem aos alunos do Ensino Fundamental II e do PAV. Os atendimentos no GA, tanto dos alunos do Fundamental I, II e PAV, são feitos em horário diferenciado às aulas do ensino regular, diariamente.

#### **2.4 - Ações sociais e projetos:**

A comunidade tem o privilégio de participarem de um Projeto Social chamado “Reciclando Vidas”, um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Congonhas em parceria com a Associação de bairro, onde parte dos alunos participa de atividades variadas como, Caratê, Capoeira, Futebol, Oficinas de Pintura, Biscuit, entre outras, havendo uma boa relação entre a Escola e o Projeto.

A escola possui também ações coletivas como o grêmio estudantil, bastante atuante nas iniciativas da escola em desenvolvimento de projetos e no dia-a-dia. O grêmio estudantil é formado por alunos da escola e eles ajudam nas tomadas de decisões e é um grêmio muito participativo naquilo que a ele compete.

Os projetos acrescentam bastante na formação social, intelectual e pessoal dos alunos e da família. São eles:

Projeto “Vale Juventude” com um professor referência, no desenvolvimento de oficinas que trabalham as aflições, anseios e curiosidades dos alunos. O Vale Juventude tem como objetivo promover o desenvolvimento pessoal e social dos jovens das comunidades onde a empresa de mineração

“Vale” atua, trabalhando a participação juvenil, a cidadania e a educação afetivo-sexual. O programa é destinado para orientar os jovens na vida sexual. O programa prepara através de uma formação continuada os professores referência que participam de uma formação para serem multiplicadores para os demais professores das escolas. O programa trabalha com um público na faixa etária entre 10 e 20 anos, atuando em dois eixos principais: educação afetivo-sexual e formação de agentes de desenvolvimento territorial. A intenção é apoiar a construção de uma política pública de juventude no município em conjunto com a comunidade e com as instituições locais. Os participantes são incentivados e preparados para atuarem na busca de soluções como protagonistas e agentes de mudanças de si mesmos e também em suas instituições e famílias. Além disso, o Vale Juventude promove a inserção sócio-produtiva desses jovens, preparando-os para o mundo do trabalho. O programa é realizado em parceria com o Instituto Aliança, Martins Pereira Consultoria Educacional, prefeituras e ONGs locais.

Grupo de Referência em Educação Ambiental - “GEREA” com um professor referência, trabalhando a conscientização do ambiente para vivermos em um mundo melhor. GA, com professores recuperadores do 2º ao 5º Anos. Um professor de Português e outro de Matemática atendendo a alunos do 6º ao 9º Ano.

Projetos desenvolvidos anualmente com o objetivo de contribuir para as aprendizagens dos alunos: Projetos de Língua Portuguesa, Sacolinha literária, Oficina de artes para professores, Semana da cidadania, Soletrando, Gincana Cultural (temática), treino de Futsal, Handebol e outros.

## **2.5- Sujeitos:**

A Escola Municipal “João Narciso” atende alunos do próprio bairro, Joaquim Murtinho, atende também alunos de bairros próximos: Bairros São Luiz, Vila Cardoso, Vila Condé e Vila Marques.

O principal local de encontro das crianças, jovens e adolescentes é a quadra da escola, de segunda a sexta-feira, nos horários de funcionamento e aos sábados, domingos e feriados, onde a mesma é disponibilizada para

atender a comunidade, com horários definidos por idade. Os alunos utilizam esse espaço para jogar futebol, vôlei, jogar capoeira, entre outras atividades.

A comunidade do bairro Joaquim Murtinho possui um campo de futebol que está em reforma há quatro anos, e uma área de lazer que está sendo construída há mais de dois anos. Esse é um fator preocupante observado pela escola. Os alunos têm carência de locais que promovem a interação, a humanização e a sociabilidade. Como desenvolver nos alunos a importância de interação entre os indivíduos, de viver com o outro, de se viver em grupo, de serem menos egocêntricos, se não se tem espaços propícios para os jovens frequentarem e vivenciar situações de expressão cultural? Sabe-se que a humanidade se encontra em constante evolução, sendo sua tendência natural abandonar a ideologia do egocentrismo (aquele que considera seu próprio “eu” como o centro de tudo).

Os seres humanos, por mais que se acham autossuficientes, necessitam de seus semelhantes para sobreviver, criar formas de expressão cultural, comunicar-se, perpetuar a espécie e obter realização plena como indivíduos. O que forma o caráter humano nos indivíduos da espécie humana é a convivência em grupo. E é a sociabilidade que capacita naturalmente o ser humano para a convivência em sociedade, desenvolvendo-se pelo meio da socialização (Euler Luther Walkan 1966).

Sabemos que é por meio da socialização que a espécie humana se integra e absorve o conjunto de hábitos, costumes e regras característicos de seu grupo. A socialização acontece quando participamos da vida em sociedade, assimilando todas as suas principais características. Tendo por definição que quanto mais coerente for à socialização, mais sociável ele tenderá a ser.

As maiorias dos pais dos alunos da escola trabalham nas diferentes empresas mineradoras da região. Empresas como a Vale do Rio Doce, Gerdau Açominas, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Nacional Minério e outras. Muitos trabalham nessas empresas há mais de 10 anos. Alguns pais de alunos também trabalham autônomos. A participação dos pais nas ações da escola ainda não é a almejada. Sempre que tem reuniões de pais e os mesmos são convidados a comparecerem na escola a maioria não comparecem. O mais

preocupante é que os pais dos alunos que mais precisam ser acompanhados em suas aprendizagens são os mais infrequentes nas reuniões de pais. No entanto, nos eventos escolares como festa junina, dia das mães, carnaval, a situação já é bastante diferente, pois a participação dos pais e familiares é de aproximadamente 80%. Uma frequência muito maior do que nas reuniões de pais que é de aproximadamente 30% (fonte E.M João narciso).

## **2.6- Me situando no contexto:**

Trabalhei na Rede Municipal de Congonhas durante 09 anos como professora contratada das séries Iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente sou pedagoga efetiva da Rede, estou nesse cargo a 09 (nove) anos. Durante esse período trabalhei em 02 escolas da Rede: E.M João Ollyntho Ferraz e a escola E.M João Narciso (escola em análise). Após a minha efetivação como pedagoga a escola João Narciso foi à primeira escola na qual trabalhei pelo período de 02 anos. Minha relação com a comunidade que essa escola está inserida é de acolhimento e de muita troca de experiências. Naquela época que trabalhei na escola já enfrentávamos o grande desafio da infrequência dos alunos no Grupo de Apoio.

Atualmente trabalho na Secretaria Municipal da Educação como Coordenadora da Educação infantil da Rede de Ensino. Trabalho com a formação continuada dos professores e profissionais que atuam nesse segmento, a convite da Secretária da Educação. Esse trabalho é muito gratificante porque consigo discutir sobre concepções de Ensino/aprendizagem dos professores.

Ao ter oportunidade de desenvolver um trabalho de pesquisa que poderia contribuir com discussões sobre a infrequência dos alunos no GA, não tive dúvidas, retornei a E.M João Narciso para pesquisar, junto à diretora e pedagoga se a infrequência no GA ainda era um desafio naquela escola. A partir dessa conversa constatei que a infrequência ainda é um grande desafio na escola e a mesma ainda “sofre” com o problema. Abordar esse tema me fez retornar a um “lugar” que me possibilitará contribuir em um desafio que existia

quando trabalhei nessa escola e dados demonstram que até hoje esse desafio ainda persiste (demonstração de dados no gráfico de Infrequencia da turma no GA).

A partir dos dados observados na Escola Municipal João Narciso foi detectado que os alunos do PAV (1º e 2º períodos) são os alunos com o maior índice de indicação para o GA e também os que mais são infrequentes nas aulas de recuperação. Portanto decidi desenvolver minha pesquisa sobre Infrequência no GA em uma escola que já trabalhei e conheço sua realidade.

### **3- SITUAÇÃO PROBLEMA**

Uma situação problema que identifico na prática da escola aqui analisada é a infrequência do GA. Nesse sentido, destaco algumas das perguntas de pesquisa como sendo o ponto de partida para a investigação da infrequência dos alunos nas aulas de GA : Os jovens já foram ouvidos no intuito de investigarem o porquê de tamanha infrequência? A escola já perguntou para eles, que são os mais interessados, porque não aproveitam o GA para ajudá-los em suas dificuldades de aprendizagem? Será que eles não têm a resposta para solucionar o problema da infrequência no GA?

#### **3.1- O grupo de apoio/aulas de recuperação**

O trabalho com o Projeto do GA - Desafios do Aprender e Ensinar foram criados pela Secretaria Municipal de Educação para ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagens e também os que estão em distorção da idade/série. As aulas do GA acontecem em horário contra turno às aulas regulares. Os professores que trabalham com os alunos do GA precisam trabalhar com atividades diferenciadas para conseguirem alcançar o objetivo de aprendizagens dos alunos que frequentam o GA. O objetivo desse projeto é reverter o quadro de distorção idade série, diminuindo o alto índice de alunos repetentes e ou com histórico de fracasso escolar eliminando estigmas relativos à incapacidade para aprender e promovendo uma educação pautada no direito de todos aprenderem.



O fato das escolas municipais de Congonhas oferecerem o GA (aulas de recuperação) para as crianças que necessitam de intervenções diferenciadas para a aprendizagem de determinados conteúdos proporciona aos mesmos “sanar” suas dificuldades de aprendizagens sem a necessidade de reprovação.

O GA tem como meta que no prazo de oito anos, de 2005 a 2013, garantir a redução dos índices de repetência e conseqüentemente da distorção da idade série de forma progressiva, a partir de 2005 das séries iniciais e de 2006, nas séries finais Ensino Fundamental.

O GA que acontece nas escolas municipais de Congonhas foi criado para o atendimento dos alunos com déficit de aprendizagem. A proposta é trabalhar com os alunos do GA paralelamente às aulas regulares, ou seja, considerar as dificuldades que os alunos apresentam em sala de aula e buscar estratégias para sanar essas dificuldades nas aulas de GA visa à prevenção quanto as reprovações dos alunos que participam desse projeto.

Para o desenvolvimento deste projeto nas escolas municipais de Congonhas foi necessária a criação de um contexto de formação para professores, pedagogas e diretores que de forma articulada com a Secretaria de Educação irão pensar e agir juntos em prol do cumprimento da função da escola que é de garantir a aprendizagem de todos os alunos.

### **3.2 - Infrequência ao grupo de apoio**

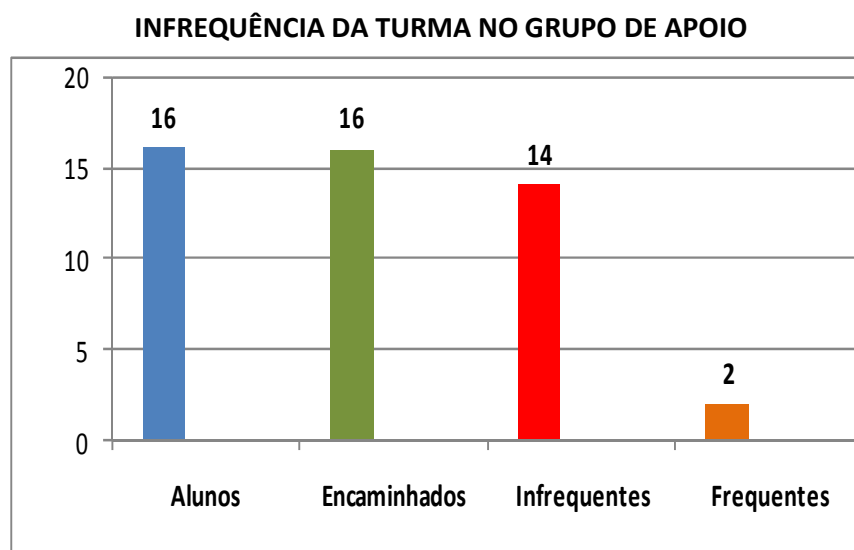
Diversos aspectos no contexto da Escola Municipal João Narciso na turma dos alunos do PAV tem se mostrado emblemáticos na relação dos jovens com a infrequência nas aulas do GA. Será que eles são infrequentes por ficar evidenciado que eles necessitam de intervenções diferenciadas para conseguir evoluir em seu processo de ensino/aprendizagem? Será que eles ficam envergonhados de suas dificuldades de aprendizagem? Será que a escola considera que esses alunos necessitam ser “acolhidos” considerando a dificuldade que cada um apresenta? Será que a baixa autoestima prejudica esses alunos?

Outra hipótese é que a escola aponta a família como responsável pela infrequência dos alunos no Grupo de Apoio: Será que podemos atribuir toda a responsabilidade à família? Será que essas famílias já foram ouvidas? E a responsabilidade da escola? Será que a responsabilidade é da família, da escola ou da sociedade em geral?

Não pretendo com o levantamento dessa hipótese, portanto, atribuir a responsabilidade à família ou a escola. O propósito é considerar a hipótese como um elemento resultante da integração de várias “forças” que englobam o espaço institucional (a escola), o espaço das relações (vínculos do professor e aluno), a família e a sociedade em geral. Estas causas são concorrentes e não exclusivas, ou seja, a infrequência no GA pode ocorrer em razão da somatória de vários fatores e não necessariamente de um especificamente.

Observa-se também, através do levantamento feito na escola (gráfico abaixo), que dos 16 alunos, apenas 02 freqüentaram por 02 vezes as aulas do GA: Será que esses alunos já foram ouvidos no intuito de investigarem o porquê de tamanha infrequência? Será que as aulas do grupo de apoio são oferecidas em dias e ou horários que proporcionam a freqüência desses jovens? Será que eles podem retornar a escola para freqüentar o GA? Se não trabalham?

A fim de caracterizar a infrequência para efeitos dessa análise, considerou-se que uma turma de 16 alunos, sendo que todos foram encaminhados para o GA. Apenas 02 alunos são freqüentes, fato que impossibilita que o professor do GA consiga ajudá-los em suas dificuldades de aprendizagem.



Podemos observar que a situação problema é delicada porque além do aluno do PAV fazer parte de um Programa que deixa evidente a sua distorção idade/série, ele ainda tem que freqüentar o GA que foi criado para ajudá-los em suas dificuldades enfrentadas nas aulas regulares. Precisamos minimizar a infreqüência dos alunos no GA e acredito que o primeiro passo é ouvir o que os alunos pensam sobre o assunto.

Os jovens na faixa etária de 15 a 17 anos que deveriam estar matriculados no Ensino Médio. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD/IBGE), esta população totalizava, em 2008, 10.289.624 de jovens e destes, somente em torno de 50% freqüentavam o Ensino Médio. No entanto, parte deste segmento encontrava-se sem concluir o Ensino Fundamental (ou seja, 31%), ou fora da escola (ou seja, 16%), ou encaminhado à Educação de Jovens e Adultos (EJA), sem o adequado preparo das redes de ensino no que diz respeito à infra-estrutura, organização curricular e formação docente para recebê-los (nos dois segmentos, ensino fundamental e médio da EJA).

Realizar um bom trabalho pedagógico nas salas de aula, no contato direto professor/ aluno, sempre foi um dos grandes desafios para os educadores, especialmente os das escolas públicas. São vários os fatores que condicionam a prática docente, desde os problemas gerais da sociedade até aqueles relacionados à estrutura e funcionamento da escola, passando pelos diretamente ligados à carreira e à formação dos professores.

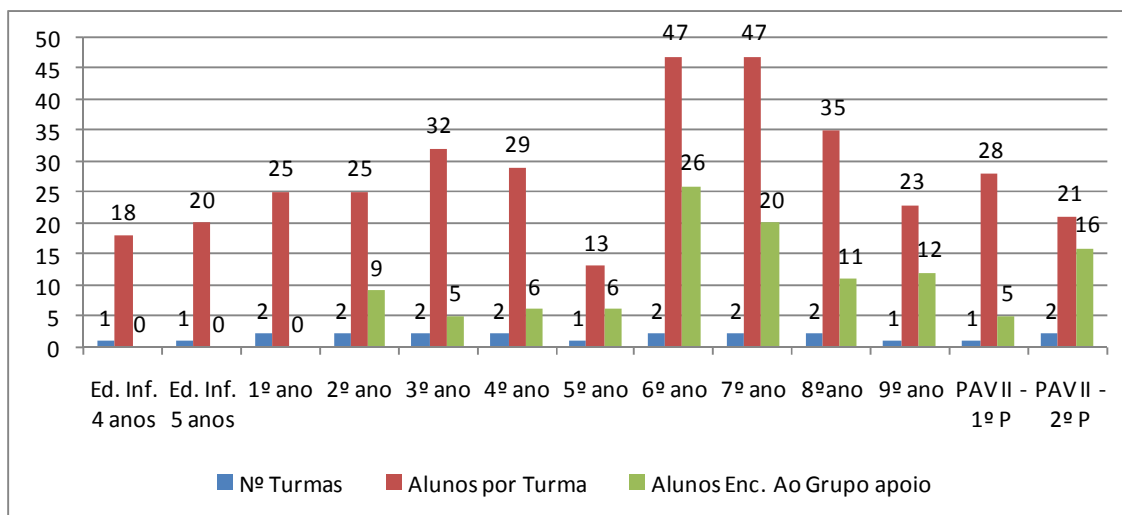
Ao lado destas dificuldades, ganhou força em tempos recentes uma percepção estereotipada de alguns educadores sobre os alunos que frequentam as escolas públicas e que têm sido, com freqüência, alvo de expressões genéricas do tipo: “os alunos são fracos”, “estão despreparados”, “são desinteressados”, “não querem nada”. Como corolário dessa percepção, o próprio aluno acaba sendo percebido como o principal responsável pelo seu fracasso escolar, quando na realidade é muito mais uma vítima, pelas em geral precárias condições em que vive com a família, a falta de políticas públicas, falta de comprometimento das escolas com a aprendizagem de todos os alunos, dentre outros.

Esta percepção, disseminada em boa parte das escolas, tem interferido negativamente na relação pedagógica e é indispensável que ela seja superada e que em seu lugar a Escola assuma a ideia de que são justamente estes os alunos que mais precisam de uma boa formação, de um ensino que se constitua em instrumental básico de sobrevivência na prática social. Estes alunos deverão ser percebidos como crianças, adolescentes e jovens que têm direito a um ensino mais produtivo e significativo, no resgate da autoestima e a confiança em si e em suas potencialidades.

A estratégia pedagógica de aceleração de estudos, consolidada neste Projeto, visa, sobretudo, assegurar ao aluno do Ensino Fundamental a oportunidade de reestruturar sua aprendizagem, com qualidade, contribuindo para a elevação de sua autoestima e influenciando, de forma indireta, no resgate do autoconceito do professor.

Neste contexto, desejamos a melhor educação e para tanto temos de proporcionar situações para proporcionar uma educação de qualidade para todos, Dessa maneira os profissionais da educação estarão implementando as ações necessárias, amparados na alínea b, inciso V do art.24 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

### ALUNOS ENCAMINHADOS PARA O GRUPO DE APOIO



Fonte: Escola Municipal João Narciso

O GA é para todos os alunos que necessitam de intervenções diferenciadas no processo ensino aprendizagem. Os alunos são encaminhados para o GA mediante avaliações diagnósticas internas, organizadas pelos professores regentes da turma, e também pelo acompanhamento sistemático do no processo de Ensino Aprendizagem durante o ano. Outro fator relevante é a constatação através de dados de avaliações externas, que mesmo aprovados, estes alunos não possuíam as habilidades básicas para a série em curso.

Vale ressaltar que os alunos que são indicados a participarem do Grupo de Apoio não permanecem no Grupo durante o ano inteiro. Quando “vencidas” as suas dificuldades eles freqüentam a escola somente no horário das aulas da turma regular.

## **4- REVISÃO DA LITERATURA**

### **4.1 - Fracasso escolar:**

A educação da juventude e sua relação com a escola tem sido alvo de debate no Brasil.

Esses debates tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o fracasso escolar entre professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para o professor o problema do fracasso escolar situa-se na juventude, no seu pretense individualismo e caráter hedonista e irresponsável, enquanto que para os jovens a escola se mostra distante de seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho. (Juarez Dayrell 2007).

Concordo com o autor em sua afirmação, pois a realidade que nós educadores vivenciamos nas escolas é um verdadeiro “jogo de empurra” entre educadores e alunos sobre a causa do fracasso escolar. Os professores necessitam buscar estratégias para minimizar o problema do fracasso, e não simplesmente atribuir aos alunos à causa desse grande problema. Os professores precisam conhecer mais seus alunos, suas dificuldades e necessidades porque o processo educativo não existe por si só, precisam também investir em formações continuada, aprofundar em seus estudos para qualificar suas aulas. Não é confortável para os alunos assistirem aulas

desinteressantes e enfadonhas por falta de um bom planejamento do professor. Não é aceitável que a culpa do fracasso escolar seja atribuída aos alunos com o pretexto de que os mesmos não dedicam tempo à sua formação escolar.

A moderna concepção de juventude dedica sim um período à sua formação principalmente aqueles jovens que tem condições privilegiadas das novas possibilidades abertas pelo desenvolvimento capitalista. A ampliação dos anos escolares e sua especificação faziam surgir um novo e cada vez mais amplo segmento de estudante, durante um longo tempo os saberes populares ficaram excluídos. A escola reforça a desigualdade social por reforçar que a condição social é que determina o futuro do indivíduo dando legitimidade aos estudiosos estruturalistas que defendem que alunos provenientes de famílias financeiramente e culturalmente privilegiadas obtêm sucesso escolar” afirma (Ana Paula Corti, 2005).

Baseada nas discussões desses autores é que eu questiono onde fica a função da escola de qualificar as pessoas independentes de sua classe social? Se os alunos de classes baixas já são recebidos nas escolas como “fracassados” então a função da escola é reproduzir a desigualdade social? Não serão esses alunos que a escola precisa oferecer maiores condições acadêmicos para igualá-los aos alunos que são provenientes de famílias financeiramente e culturalmente privilegiadas?

#### **4.2 - Evasão escolar**

Os jovens que entram mais cedo no mercado de trabalho e largam mais cedo a escola, antes mesmo do tempo mínimo obrigatório de escolarização são fortes candidatos a evasão escolar. Eles abandonam seus estudos, repetem anos na escola por não conseguirem acompanhar os ritmos definidos pela cultura escolar. Quando não evadem totalmente, buscam o ensino noturno e a Educação de Jovens Adultos para permanecerem estudando, o que demonstra que, apesar dos fracassos, o valor da escola ainda é relevante. (Neri, 2009).

Portanto, as promessas de ascensão social por meio de uma escolaridade longa e sem evasão distanciam-se, cada vez mais no horizonte, pois nem a

escolaridade básica e, mais precisamente, nem a educação prevista e garantida em lei como obrigatória e gratuita – o ensino fundamental – estão consolidadas para muitos jovens.

Entende-se que a escola é fortemente influenciada por fatores sociais. Porém outros fatores contribuem para que os alunos não permaneçam na escola.

São várias e as mais diversas causas da evasão escolar ou infrequência do aluno. O autor as classifica e as agrupa da seguinte maneira: **Escola:** não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação; **Aluno:** desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde e gravidez; **Pais/responsáveis:** não cumprimento de o pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos; **Social:** trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues. Estas causas, como já afirmado, são concorrentes e não exclusivas, ou seja, a evasão escolar se verifica em razão da somatória de vários fatores e não necessariamente de um especificamente. Detectar o problema e enfrentá-lo é a melhor maneira para proporcionar o retorno efetivo do aluno à escola. (ANTUNES, 2003, p. 23-24).

A partir da colocação do autor entende-se que este trabalho torna-se complexo, posto que para detectar tais causas, há diversos interesses que camuflam a real situação a ser enfrentada. Com efeito, à colher informações junto aos professores e/ou diretores, muitos apontaram como causa da evasão as questões envolvendo os alunos. Estes por sua vez, apontam como motivo a própria escola, quando não os professores diretamente.

#### 4.3 – Autoestima:

A autoestima é um fator que contribui para o insucesso escolar porque é um sentimento desenvolvido ao longo da vida de uma pessoa e decorrente da qualidade das relações interpessoais a que ela está exposta. a autoestima de um aluno não se deve a condição genética e, menos ainda, a resultado de inteligência ou da personalidade do jovem; mas vem da interiorização do quadro que os pais e professores dela fazem. Se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências e habilidades necessárias para lidar com os seus estudos e se os julgamos suficientemente importantes para reservarmos tempo em ouvi-los, contribuiremos para que desenvolvam padrões consistentes e realistas. “Os alunos precisam ser encorajados a não se intimidar

com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável” (Branden – 1999 pág 145 ).

O autor defende que a maioria das queixas relacionadas às dificuldades de aprendizagem está relacionada com a baixa estima. Muitos educadores se esquecem do papel da autoestima no movimento de ensino aprendizagem e subestimam a sua importância. Diante disso, pode-se dizer que uma pessoa desenvolve sua autoestima positiva, à medida que é reconhecida como tal, única, singular, com necessidades educacionais específicas. Nessa perspectiva, ajudar cada aprendiz a descobrir-se, a aceitar-se, a compreender-se é instrumentalizá-lo a se sentir confiante e apto a enfrentar as dificuldades e as complexidades do aprender, deve se constituir num dos principais objetivos com os jovens. O sentimento de menos-valia impede uma pessoa de aventurar-se no processo da aprendizagem, além de trazer conseqüências indesejáveis para o universo relacional.

Buscando minimizar os problemas relacionados ao fracasso escolar dos jovens estudantes existem políticas públicas que buscam estratégias e intervenções como os Programas de Aceleração da aprendizagem. O programa é considerado uma estratégia pedagógica que parte da idéia de que o nível de maturidade dos alunos permite uma abordagem mais rápida dos conteúdos para ajudar-lhes há recuperar o tempo perdido. A correção do fluxo escolar é entendida como uma questão política, pois a partir dela surgem políticas ou planos educacionais determinados, como a aceleração de aprendizagem. O programa de aceleração de aprendizagem que tem por finalidade possibilitar aos sistemas públicos de ensino, municipal e estadual as necessárias condições para combater o fracasso escolar, proporcionando aos alunos que apresentam a chamada distorção idade-série efetivas condições para a superação de dificuldades relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem.

#### **4.4 - Juventude**

Definir o que é ser jovem é uma exigência temerária, mas necessária. O temor é de que nos percamos ao buscarmos uma definição para expressar algo que tende a ganhar sentido nas interações sociais nas quais as diferentes idades se reconhecem e se distinguem. Sendo assim, partimos do princípio de que há recortes etários que se



configuram através de agrupamentos de idades próximas cujas dinâmicas identitárias provocam um autorreconhecimento entre os indivíduos. Ser jovem, portanto, é uma fase da vida que se constitui em referência a um estado próprio e diferenciado da infância e da adultez. Não é possível encontrar “a juventude” em estado puro. Não há uma juventude *em si* e que apenas possa ser nomeada conceitualmente, sem referências a um conjunto situacional de fenômenos que a concretizem. (ABRAMO e BRANCO, 2005; MARGULIS, 2000).

Eu prefiro pensar no jovem não simplesmente numa definição de faixa etária, mas como uma “condição juvenil”. Conforme DAYRELL (2007), que nos lembra que existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia. Tal análise permite levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos nos quais a produção social da juventude se desenvolve.

Os diferentes textos que discutimos nas aulas sobre os jovens e seu relacionamento com a escola, nos permitiu desenhar uma diversidade de lógicas e posturas de relacionamento com a escola: as diferentes modalidades de resposta que os jovens selecionam para explicitá-las deixam entrever que esse relacionamento é, essencialmente, um *“processo complexo de contestação, negociação, resistência, acomodação”* (Pais, 1993. p. 242). Diversos são os modos de relação dos jovens com a escola e a pluralidade de sentidos que eles lhe atribuem, o que, em nosso entender, questiona uma instituição escolar entendida como “monopólio” de socialização dos indivíduos a partir de valores e princípios universais e coerentes. Pensamos que a escola continuará sob suspeita, e não apenas para os jovens, porque infelizmente a escola não conhece a realidade vivenciada por seus alunos, sejam eles crianças, jovens ou adultos. A escola precisa deixar de ser para os alunos um *“percursos de combatentes”* (Perrenoud, 1995).

## **5-PLANEJAMENTO DA AÇÃO:**

### **5.1 – Objetivos:**

A minha ação com a turma selecionada teve como objetivo tentar minimizar a infrequência dos alunos nas aulas de GA. Acredito que este trabalho precisa perpassar pela situação de ouvir esses jovens e tentar compreender seus anseios e valorizá-los como indivíduo capazes de expressar os motivos para a da baixa frequência nas aulas do GA e principalmente ajudar a escola minimizar o assunto em questão. Proporcionar aos alunos momentos coletivos para discutirem sobre o assunto vai possibilitar momentos para que eles possam expressar seus pensamentos e opiniões sobre o assunto: Será que esses alunos já foram ouvidos no intuito de investigar o porquê de tamanha infrequência? Será que as aulas do grupo de apoio são oferecidas em dias e ou horários que proporcionam a frequência desses jovens? Será que eles podem retornar a escola para frequentar o GA Será que eles não trabalham?

### **5.2- Público alvo e objetivo**

Estudantes Infreqüentes no grupo de Apoio da Escola Municipal João Narciso. (turma em estudo).

### **5.3 - Metodologia da ação**

Este plano de ação visa ao desenvolvimento final de um vídeo sobre uma roda de conversa demonstrando as opiniões dos jovens a respeito da infrequência no Grupo de Apoio, produção exclusiva dos jovens estudantes do PAV, em grande parte do processo.

#### **1ª Etapa – Elaboração do questionário 2ª quinzena de outubro.**

Elaborar um questionário para ser aplicado com o objetivo de saber mais sobre os jovens em estudo. O questionário vai priorizar três aspectos importantes que vão auxiliar no desenvolvimento do trabalho: Perfil dos jovens, relação com a escola e relação com o GA.

#### **2ª Etapa – Sensibilização – 1ª quinzena de Novembro de 2011.**

Conversar com os jovens sobre a proposta de trabalho de investigação sobre a infrequência dos alunos no GA. Esse momento é de extrema importância porque os jovens precisam estabelecer com esse trabalho uma

relação de confiança, eles precisam se sentir a vontade para expressarem suas idéias e opiniões sobre o assunto. Explicar para os alunos todas as etapas do trabalho. Talvez esse momento de sensibilização não seja suficiente em apenas um encontro, vai depender da aceitação dos alunos.

**3ª Etapa – Aplicação do questionário – 1ª quinzena de Novembro de 2011.**

Explicar aos jovens sobre a aplicação o questionário detalhando sobre a importância de serem fieis às suas respostas para a coleta de informações reais sobre o grupo. Esclarecer qualquer dúvida sobre as perguntas existentes no questionário e deixar bem claro que não é obrigatório o preenchimento do mesmo e de que seria mantido o sigilo. Dessa forma os jovens não vão se sentir pressionado a respondê-lo.

**4ª Etapa – Tabulação dos dados do questionário - 2ª quinzena de Novembro de 2011.**

Tabular e sistematizar as informações coletadas nos questionários e analisá-las para compreender melhor qual é o perfil dos jovens, qual a relação deles com a escola e com o Grupo de apoio. Essa etapa é de extrema importância para que eu conheça melhor o grupo de jovens no qual estou pesquisando, visto que eu não conheço esses jovens .

**5ª Etapa – Elaboração do roteiro para a roda de conversa (entrevista) - 2ª quinzena de Novembro de 2011.**

Elaborar junto com os alunos o roteiro com as perguntas que, eles acreditam ser importantes ocorrer durante a roda de conversa. Justificar que é muito importante esse roteiro para que durante as discussões esse roteiro seja o orientador na roda de conversa. Selecionar quem vai conduzir as perguntas do roteiro para o grupo

**6ª Etapa – Orientação de uso adequado da filmadora - 1ª quinzena de Dezembro de 2011.**

Os alunos vão aprender a manusear a filmadora porque eles ficarão sozinhos durante a roda de conversa para que eles se sintam mais a vontade. A gravação será toda sobre a responsabilidade deles. Etapa para ensinar para quem vai filmar a roda de conversa a manusear a filmadora de modo que o filme tenha qualidade para ser editado posteriormente. Nessa etapa é importante estabelecer um vínculo de confiança no desempenho do trabalho

que será desenvolvido pelos jovens. Eles precisam sentir que eles são capazes de realizar o trabalho com autonomia.

**7ª Etapa – Roda de conversa - 1ª quinzena de Dezembro de 2011.**

Em uma roda de conversa os jovens vão discutir sobre a infrequência no Grupo de Apoio utilizando do roteiro, por eles elaborado na 5ª etapa como orientador das discussões. A roda será filmada por um dos alunos.

**8ª Etapa – Análise do conteúdo - 1ª quinzena de Dezembro de 2011.**

Analisar o conteúdo da filmagem, selecionando as discussões dos alunos que remetem as orientações oferecidas pelo relatório.

**9ª Etapa – Relatório e Análise - 1º semestre de 2012**

A partir da análise do conteúdo do vídeo fazer um relatório com as considerações observadas. Valer-se do conteúdo do vídeo e retomar as hipóteses levantadas na situação problema para analisar as possíveis causas que levam os alunos a infrequência no GA.

Para o desenvolvimento desse plano de ação foi utilizado: Recursos Materiais: Filmadora, papéis, canetas, prancheta, quadro e giz; Recursos Humanos: Profissional para edição do vídeo/edição da roda de conversa e Recursos Financeiros: Aproximadamente R\$ 200,00.

**6-RELATO DA AÇÃO**

Partindo do pressuposto de que a realidade social é produzida historicamente e, como tal, no seu interior existem contradições às quais ora acenam para a mudança ora para a reprodução das relações sociais, qualquer análise que se pretenda fazer em relação à educação, portanto, é imprescindível levar em consideração duas questões importantíssimas: os objetivos de ensino que a escola tem com os alunos e o contexto histórico-social e político-cultural em que estão inseridos. Por isso, a importância da aplicação de um questionário que faça compreender melhor o contexto social dos jovens estudantes e fazer uma relação com o fracasso escolar dos mesmos.

## 6.1- Questionário aplicado aos jovens

### 6.1.1 - Perfil dos jovens (anexo 1)

Apenas 4 alunos aceitaram responder ao questionário.

Chamou-me atenção o fato de todos os alunos dessa classe ser do sexo masculino. A escola afirmou que fez essa enturmação porque não tinha meninas com distorção idade série pra ser incluída na turma do PAV.

A idade dos alunos evidencia a distorção idade série de dois anos ou mais, conforme exigência para a inserção no Programa. No entanto o aluno “B” demonstra uma distorção idade série de 03 anos e isso é um dado que a escola precisa ficar alerta para que essa idade série não agrave com mais uma reprovação. Não adianta o governo implantar Projetos como o PAV para minimizar a distorção idade série dos alunos se a escola não parar de reprovar, produzindo novos alunos com distorção idade série.

Ao analisar as respostas dos alunos quanto à profissão dos pais pode-se perceber que é uma profissão que não necessita de anos e anos de estudos em uma sala de aula. Em uma conversa com um dos alunos sobre o seu futuro ele me respondeu que só ia estudar até os 18 anos porque ia ter a profissão de caminhoneiro como o pai. *“Meu pai também só estudou até os 18 anos e para ser caminhoneiro é o suficiente”*. Esses jovens têm uma perspectiva “baixa” no que diz respeito à continuidade de seus estudos. Os alunos demonstraram muita timidez em iniciar as discussões.

Eu tive que conversar com eles, com a filmadora desligada por um bom tempo para que ficassem mais a vontade. Fizemos algumas brincadeiras com a filmadora para deixá-los mais relaxados perante a filmadora.

Assim que as discussões começaram a se desenvolver os alunos foram ficando mais a vontade, principalmente o (C) falou mais que os outros alunos. No início eles foram perguntando e respondendo de uma forma bem artificial, o que é compreensivo, visto que eles disseram que nunca participaram de uma gravação antes. Durante o andamento da roda de conversa precisei intervir nas discussões para que não ficasse um jogo de perguntas e respostas (como podemos comprovar no início do vídeo). Percebi que quando fui conversando com eles as assunto em discussão. Outras perguntas também foram acrescentadas durante as discussões.

Enfim o tempo passou rapidamente e foi possível coletar um material bom para próximo passo que será a análise da roda de conversa.

### **6.1.2 - Os jovens e a relação com a escola (anexo 2)**

Como já era esperado todos os alunos já repetiram o ano mais de uma vez porque para ingressarem no PAV os alunos precisam ter 02 anos ou mais de distorção idade série. Percebi que no momento de responder essa pergunta os alunos se demonstraram “irritados” com a questão porque certamente falar sobre suas reprovações é um assunto que os incomoda muito.

Nenhum dos alunos ficou sem estudar, mas mesmo assim tem uma distorção idade série grande o que nos faz refletir que a reprovação é o grande fator que faz com que os alunos fiquem um período maior do que o necessário nas escolas. Sabe-se que a reprovação não é a solução para fazer com que o aluno melhore em seu desenvolvimento escolar, o que acontece é o contrário, o aluno fica desestimulado e estabelece com a escola uma relação de “raiva” com um sistema que o impede de dar continuidade aos seus estudos e o faz rever todos os conteúdos que tranquilamente poderia ver na série seguinte.

A Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, homologada pelo Ministro da Educação, definindo:

Art. 30 O Ensino Fundamental deve assegurar:

III - **A continuidade da aprendizagem**, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização/letramento e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo.

§ 1º Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar que os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial **não passível de interrupção**, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos. É possível dar continuidade na aprendizagem em qualquer ano de escolaridade sem a reprovação. (os grifos são meus).

Nas respostas dos alunos pode-se analisar que eles têm distorção idade série porque são reprovados e não porque fica algum período sem

frequentarem a escola. Isso nos remete novamente a questionar sobre a necessidade de se reprovar. O que vivenciamos nas escolas é muito desestimulante para os alunos porque eles frequentam as aulas, mesmo sem “gostar muito da escola” e no final do ano são reprovados por um sistema que não entende suas dificuldades de aprendizagem e resolvem a questão validando cada vez mais as reprovações impiedosas.

Os dados no questionário revelam que os alunos gostam das aulas de educação física, da quadra e dos amigos. São esses fatores que são destacados pelos alunos quando questionados do que mais gostam na escola. A escola precisa ser um lugar de troca de experiência entre alunos e professores para que a troca de conhecimentos seja algo prazeroso, principalmente entre os alunos jovens. A função da escola é oferecer o que nenhum outro lugar pode oferecer. Esse precisa ser o diferencial de qualquer escola. É na escola que os alunos aprendem os conteúdos de ensino, aprendem a estudar para aprender, tem um professor que o ensina em suas dificuldades e etc. O que os alunos afirmam mais gostar na escola eles podem encontrar em qualquer outro lugar (amigos, quadras). Será que a escola está realmente desenvolvendo o seu papel na vida desses alunos?

Quando se questiona o que precisa melhorar em sua escola a maioria das respostas que ouvi dos alunos aponta para os professores. Se o professor é uma peça fundamental dentro da escola, é o mediador dos conhecimentos e os jovens não tem uma boa relação com os mesmos, e se estabelece entre professor/aluno um relacionamento negativo que aumenta as probabilidades das reprovações nas escolas. Os alunos sabem quais são as características de um bom professor. Eles respondem, no questionário, que querem professores inteligentes, que tenham conhecimento da matéria, que tenham bom humor e gostem do que faz. As respostas demonstram que os jovens têm maturidade e sabem que precisam se relacionar bem com seus professores, mas que é de suma importância que os professores dominem os conteúdos para que a aprendizagem deles ocorra.

Percebe-se nos questionários respondidos que a frequência dos alunos no grupo de apoio é baixíssima. 01 aluno foi apenas 01 vez ao grupo de apoio,

01 nunca foi e 02 alunos foram de 01 a 05 vezes. Todos os 04 alunos afirmam que não gostam do grupo de apoio e tem justificativas muito parecidas:

Não gosto do grupo de apoio porque ele é oferecido no horário que eu tenho que trabalhar. Eu estudo de manhã e tenho que trabalhar a tarde, por isso fica muito difícil frequentar o Grupo de Apoio, mas também não frequento porque eu não gosto de ficar na escola quase o dia todo. Estudar já é chato imagina ter que voltar na escola para estudar com o professor do Grupo de Apoio. (Aluno D)

Eu não trabalho no momento, mas a minha escola fica muito longe da minha casa além de ter que vir pra escola de manhã eu tenho que ir para a casa almoçar depois da aula e voltar para o grupo de apoio é muito cansativo. Se tivesse um transporte eu viria sem reclamar. (Aluno E)

Eu não venho porque eu não gosto mesmo. (Aluno F)

Eu nunca vim porque eu trabalho e fica difícil largar o emprego. Eu trabalho na fazenda cuidando dos gados. (Aluno D).

É notório que os alunos não se identificam com o sistema organizado para que o Grupo de Apoio aconteça na escola. O Grupo de Apoio é para atender os alunos com dificuldade de aprendizagem, mas está claro que esses alunos não são ouvidos em suas necessidades. Será que a escola já procurou saber o motivo de tamanha infrequência? Ou simplesmente disponibiliza o professor do grupo de apoio sem saber qual a melhor forma e possibilidades para o sucesso do Grupo de Apoio acontecer na escola com esses alunos?

### **6.1.3- Os jovens e a relação com o trabalho (anexo 3)**

Percebe-se que os alunos trabalham fora, em um horário diferente ao horário de escola. Fator que é um complicador para que retornem à escola para frequentarem o GA. O grande problema está realmente no horário contra turno em que o GA é oferecido. Então o que fazer se já é sabido que o GA não pode acontecer no horário de aula porque a carga horária de 200 dias letivos do aluno não pode ser lesada? Os questionários também revelam que os trabalhos que são exercidos pelos jovens não os dão segurança de empregado porque não tem carteira assinada. Um dos alunos relatou que o salário deles varia muito porque o seu patrão o paga conforme o movimento na oficina de caminhões e que ele não tem carteira assinada porque não trabalha todos os dias.

Os alunos acham que o trabalho prejudica sim os seus estudos, mas não totalmente. O que faz com que a conscientização de que eles ainda não



estão na idade de trabalharem e sim de estudarem fica ainda mais difícil. Um dos alunos relatou que não dá para somente estudar porque ele não tem dinheiro para comprar suas roupas. Ele diz saber que precisa estudar hoje para ter um futuro melhor amanhã, mas sabe também que o trabalho dele não é o que faz ele não ir bem nos estudos. Afirma que não entende muito bem as explicações dos professores e isso é o que faz com que ele se dê mal nos estudos.

#### **6.1.4 - Os jovens, o lazer e os planos para o futuro (anexo 4)**

Percebe-se que os momentos livres dos alunos são usados, principalmente, para diversão (dançar, conversar com os amigos) e práticas de esportes. Nenhum aluno respondeu ao questionário demonstrando preocupação em usar os momentos livres para se dedicar aos estudos. Aqui temos indícios ou possibilidades do porque eles não frequentam o GA, que é oferecido em horário contra turno da escola, para os alunos esse é um tempo livre em que eles não dedicariam ao estudo. Mais uma vez, fica evidente que a escola precisa pensar em outra forma e horário para atender seus alunos no GA.

Quanto às coisas que são importantes para eles, todos responderam que a família é o que têm de mais importante. Realmente percebe-se que são alunos muito carinhosos e que durante as conversas sempre comentam sobre seus familiares. O trabalho e os estudos também são algo que os alunos afirmam ser muito importantes. Às vezes há contradições nas respostas. Os alunos afirmam não gostar de dedicar tempo aos estudos, porém consideraram os estudos importantes. Acredito que esses alunos acham mesmo a escola importante, porém acham que somente o momento que estão dentro da escola, em horário escolar, é momento de estudo. Outros momentos e ambientes não foram feitos para estudo, somente os momentos que estão na escola são suficientes para um estudante garantir suas aprendizagens.

Quando é perguntado aos alunos sobre a possibilidade de escolher qualquer atividade/profissão para exercer, independentemente de qualquer limitação ou restrição, o que você gostaria de ser? Eles respondem que

querem ter profissões semelhantes do que trabalham hoje. Fazendeiro, cuidando de gados; mecânico. Em conversa com os alunos eles me disseram que para terem a profissão que desejam eles não precisam estudar muito, como os professores exigem deles.

Analisando todo o questionário percebe-se que os jovens estudantes querem se dedicar aos estudos sabe o quanto a escola é importante para ele e valorizam seus professores. Acredito que a escola precisa buscar estratégias mais eficientes para os alunos participem das aulas do GA e os mesmos os ajudem em suas dificuldades de aprendizagem.

## **6.2 - Momentos iniciais da prática**

Preparação para a Gravação da conversa sobre a frequência dos alunos no GA.

Primeiro dia de desenvolvimento de trabalho da prática após questionário:

Para iniciar o trabalho na escola precisávamos de um tempo com os alunos. Esse tempo teria que ser cedido por um dos professores, visto que os alunos não têm horários ociosos na escola. A professora de ciências me cedeu seu horário para que eu pudesse me reunir com os alunos e iniciar o trabalho para a preparação do debate da infrequência no GA.

Conversamos com os alunos e a professora explicando tudo o que iria acontecer da mesma forma que já havia sido feito com a direção da escola. Explicando-lhes a necessidade e importância dessa ação pedagógica, justificada pela infrequência atual no GA, com base nos levantamentos de dados da frequência no GA em 2011 (fonte escola) fizemos um breve relato sobre como seria construído o relatório para a roda de conversa, o dia para ensinar manusear a filmadora e o dia da gravação da roda de conversa com os alunos e quais os materiais seriam usados. Vale ressaltar que havia apenas 04 alunos presentes. A professora explicou que no final do ano é assim mesmo, eles fazem prova e vão embora mais cedo. Propus que eu voltasse outro dia

para que encontrasse um número maior de alunos, porém a professora disse que não adiantaria porque o número de alunos era sempre aquele, ou até menor depois das provas. Por isso decidi, juntamente com a escola, trabalhar com o número de alunos que havia na escola.

Quando os alunos souberam que a roda de conversa seria gravada, agiram de uma forma negativa, dizendo que não queriam ser gravados, que não queriam mais participar porque estavam envergonhados, mas pouco tempo depois, após muita conversa, foram mudando de idéia e perguntavam sem parar se depois poderiam assistir a gravação. Prometi a eles que eu gravaria um CD e mandaria para a diretora exibir as imagens para eles. Expliquei aos alunos o quanto a gravação seria importante para o trabalho porque garantiria a fala de todos. Seria um material muito útil para que eu pudesse recorrer a ele durante todo o desenvolvimento de meu trabalho. Expliquei também que teríamos que ter um roteiro de perguntas para direcionar nossas discussões durante a roda de conversa. Perguntei se eles sabiam o que era um roteiro de perguntas e eles disseram que a professora de português sempre usa para ajudá-los nas produções de textos.

Durante a conversa perguntei aos alunos o que achava da gravação ser feita por um deles e os jovens gostaram muito da idéia. E quiseram logo manusear a filmadora para aprenderam como acontece à gravação e isso é muito compreensivo porque os alunos adoram tecnologia. Expliquei que eu iria agendar um dia antes da roda de conversa para ensiná-los a manusear a filmadora. Acordado tudo isso com os alunos partimos para o roteiro de perguntas. O fato deles já saberem o que é um roteiro de perguntas facilitou muito a atividade, pois possibilitou que iniciássemos logo o roteiro.

Convidei o aluno (x) para que fosse anotando as questões que fossem surgindo no quadro. Ele disse que não iria escrever porque errava muito na escrita e foi “zuado” pelos demais alunos. Quando eu perguntei se alguém queria escrever no quadro ele surpreendentemente disse que eu havia convidado ele e por isso ele mesmo ia escrever, porém gostaria que eu ficasse perto dele para que se ele errasse alguma palavra eu ia ajudando revisando a escrita, e assim combinamos o processo do roteiro. Percebi que os alunos têm muita insegurança em suas escritas e os erros que cometem são de

regularidades diretas, erros que precisam ser trabalhados nas séries iniciais do ensino fundamental.

Iniciamos a elaboração do roteiro questionando sobre o que poderíamos discutir nessa roda de conversa. Expliquei que as questões que destacássemos no roteiro seria o nosso guia no dia das discussões, portanto teria que ser perguntas interessantes e que provocasse discussão entre o grupo. Conhecendo o grupo há algum tempo eu sabia que não poderia intervir muito nas questões, por eles colocados, porque dessa maneira provocaria a inibição do grupo, por isso fui validando as questões conforme eles foram falando. Sei que o roteiro poderia ter ficado “mais rico” se pontuasse mais, no entanto já tinha percebido que o grupo era “arisco” e eu não queria perder a conquista que já havia conseguido até aquele ponto, por isso fomos anotando e validando tudo o que falaram.

### **6.3- Roteiro elaborado pelos jovens alunos**

1) Vocês sabem o que é o GA?

2) Quais são os dias que tem o GA? O tem para todas as matérias? Quais matérias têm no GA?

3) Quais são os professores que dão aulas no GA? Vocês gostam dos professores do GA?

4) Vocês já freqüentaram o GA? Quantas vezes?

5) Se freqüentaram gostaram? Por quê?

6) Vocês sabem da importância do GA?

7) Vocês gostam do GA?

8) Porque não freqüentam o Grupo de Apoio?

9) Vocês trabalham? E no que trabalham?

10) O trabalho atrapalha a participação no GA?

11) Vocês acham que as aulas do GA contribuem para a aprendizagem de vocês?

A professora de ciências tinha duas aulas nesse dia e me ofereceu a outra aula para que eu pudesse dar continuidade ao trabalho e partimos então para orientações sobre o manuseio da filmadora. Mostrei como filmar e todos os alunos quiseram gravar um pouco demonstrando entusiasmo e curiosidade.

No segundo dia de desenvolvimento da prática, reunimos eu e os alunos, em uma sala que tinha menos barulho para favorecer a gravação da roda de conversa. Nesse dia apenas 04 alunos foram na aula. Pensei em fazer a gravação em outra data, porém a professora me explicou, novamente, que como já estava no final do ano e já havia terminado as provas é muito comuns os alunos não irem às aulas depois da última prova. Mesmo que eu voltasse outro dia eu não conseguiria mais que 04 ou 05 alunos na sala de aula. Então resolvi dar prosseguimento ao trabalho, visto que já estávamos nas últimas semanas de aula e eu tinha receio de não conseguir concluir essa etapa do trabalho.

Para dar início a roda de conversa perguntei aos alunos quem seria o aluno que gravaria as discussões, visto que o aluno que mais havia se interessado no dia que eles aprenderam a manusear a filmadora não estava mais indo a escola. Infelizmente nenhum aluno quis gravar as discussões. Mesmo eu sugerindo que poderíamos fazer outra sessão para aprender a manusear a filmadora e que eu ficaria próximo a quem estivesse gravando para ajudar, mas definitivamente ninguém quis gravar as discussões. Por essa razão, eu mesma gravei a roda de conversa.

O aluno C escreveu todo o roteiro no quadro (copiado por mim em uma folha no dia da elaboração do roteiro). A escrita do roteiro no quadro garantiu a visibilidade das questões que seriam discutidas, visto que havíamos decidido que eles, juntamente comigo conduzissem as discussões a partir do relatório previamente estabelecido pelos alunos.

#### **6.4 - Roda de conversa (vídeo em anexo)**

Iniciou-se então a conversa com perguntas a cerca da infrequência dos jovens no Grupo de Apoio e como essa infrequência refletia na vida escolar dos mesmos, pensando também nos motivos que levavam os alunos a não freqüentarem as aulas.

## **7 - ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA**

Analisar criticamente uma prática que buscou evidenciar as questões que envolvem a infrequência no Grupo de apoio dos alunos do PAV da Escola Municipal João Narciso com os adolescentes estudantes, obriga repensar a prática pedagógica atual. Para tanto, deve-se considerar vários aspectos que são extremamente relevantes no cotidiano escolar. Analisando algumas das falas das discussões pode-se conduzir as reflexões a cerca do olhar do jovem para a sua infrequência no GA oferecido pela escola.

O primeiro aspecto a ser considerado são os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, os quais fazem parte diretamente, os alunos e professores. Todos são sujeitos com trajetória de vida distintos, as quais não podem ser negados no cotidiano escolar, já que tais trajetórias interferem significadamente na relação professor- aluno.

Os alunos são jovens que possuem peculiaridades próprias da juventude e que, portanto podem ser consideradas. São, em sua maioria, alunos das classes populares e vivem no bairro em que a escola está inserida. Fazem parte de uma comunidade que possuem poucos espaços de sociabilidade próprios aos jovens. Em sua maioria os lugares são as igrejas, locais públicos, espaços únicos onde se relacionam com seus pares no bairro, utilizam o espaço da escola para se divertirem nos finais de semana (quadra). Outro espaço de sociabilidade é a rua, onde muitos convivem diariamente.

O nível de escolaridade dos pais não é muito alto (dados questionário aplicado aos jovens). A maioria dos jovens estudantes acredita que terminar o Ensino Fundamental II já lhes possibilita trabalhar no que almejam. O problema de se continuar os estudos depois do 9º ano está também na dificuldade de acesso a escola, visto que não existe escola de Ensino Média nessa comunidade. Para continuarem os estudos precisam se deslocar para

congonghas (centro da cidade). O fato de frequentar ou não a escola e o Grupo de Apoio com assiduidade não representa para eles prejuízos reais em suas vidas, pois não vêem relação entre os estudos (conteúdos ensinados) e a necessidade deles em suas vidas.

Conhecer o sujeito-aluno torna-se assim imprescindível para quem deseja fazer da experiência escolar um processo de aprendizagem significativo, de qualidade, cumplicidade e compromisso, transformando a obrigação de estudar ao prazer de estar adquirindo novos conhecimentos. Transformar esse desejo em realidade requer inicialmente, um olhar e um ouvir diferenciado dos professores, pois são eles que se relacionam diretamente com os jovens no cotidiano escolar. Diante dessa realidade, os professores têm a tendência de justificar o desinteresse dos alunos pelo Grupo de apoio, sem, no entanto, analisar que muitos outros fatores interferem em seu desejo de aprender.

Os jovens se constituem enquanto sujeitos históricos e culturais, sendo que a transitoriedade consiste em um elemento importante para a sua definição. Sendo assim a juventude é identificada pela faixa etária intermediária de transição da infância para adulta. Os jovens possuem demandas próprias que lhes são peculiares e a sociabilidade é uma delas. Conforme afirmação de Dayrell (2005,p.314)

Durante as discussões acerca da infrequência dos alunos no GA, a fala do jovem (A) chamou muita atenção devido a sua subjetividade.

Eu tenho aulas de matemática e português mais e eu nem sei como usar isso na minha vida. E a professora do Grupo de Apoio repete tudo que vi na aula regular. Pra que a gente tem que aprender esse monte de coisas? (Aluno A).

Quando eu fui ao Grupo de Apoio a professora repete tudo que a minha professora falou na escola. Ai eu não entendi nada em nenhum dos dois momentos. (Aluno A).

Essa fala nos leva a repensar alguns pontos importantes da juventude e sua relação com a escola. A maioria das disciplinas ensinadas nas escolas, que vem de um currículo elaborado por uma elite que não conhece os alunos e muito menos leva em consideração os saberes desses jovens estudantes. E

como esperar que esses alunos retornem a escola para frequentarem o GA se eles não têm interesse nem pelas aulas regulares?

Se o aluno não conseguiu aprender o conteúdo na aula regular então é porque a metodologia utilizada não foi o suficiente, ou não foi à adequada para ajudá-lo a alcançar a aprendizagem desejada. Isso não ocorre porque eles não querem aprender ou porque são desinteressados. Quando a aprendizagem não ocorre é preciso que lhes sejam, oferecidos com maior intensidade e acompanhamento, diferentes situações que favoreçam as aprendizagens, sejam através dos diferentes agrupamentos, através das estratégias diferenciadas ou através dos materiais pedagógicos disponibilizados a esses alunos.

Os jovens, assim como qualquer aluno precisam de “coisas” que os chamem atenção. Lembro-me que durante a minha conversa com os alunos, no dia da gravação, perguntei o que achavam da mesma ser feita por um deles e os jovens gostaram muito da ideia, certamente porque era uma situação diferente. Os jovens amam tecnologia em sala de aula. Fora da escola esses mesmos jovens têm contato com diversas tecnologias e se não os tem, é função da escola oferecer diferentes situações que proporcione esses jovens contatos com a tecnologia. Percebi claramente que quase nenhum aluno tinha tido a oportunidade de manusear uma filmadora e quando tiveram situação oferecida por mim, sentiram inseguros em simplesmente segurarem a filmadora. Somente o aluno C. não se hesitou em mexer na filmadora. Nesse momento percebi o quanto eu precisava dedicar um tempo maior aquele momento e oferecer aos alunos oportunidade de vivenciarem aquela situação. Por esse motivo que propus uma oficina para aprenderem a manusearem a filmadora, como gravar, como aproximar, como distanciar, como paralisar a gravação etc. Foi um momento muito especial para mim e para eles.

Percebi também que os alunos não têm insegurança somente com a tecnologia, eles são inseguros com algo muito mais comum que a escola precisa garantir a eles, que é contato com a escrita. Durante a elaboração do roteiro com as perguntas que nos subsidiaria durante a gravação de nossa conversa sobre a infrequência no GA, pedi que um dos alunos fosse escrevendo no quadro as perguntas que iam direcionar nossas discussões



durante a gravação da discussão. Surpreendentemente a insegurança foi impressionante.

Eu não quero escrever não. Eu não sei escrever. Eu escrevo tudo errado, além disso professora a minha letra é horrível e “engulo” muitas letras quando escrevo. (aluno C)

Somente depois de muita insistência o aluno C. resolveu escrever o roteiro no quadro, mas me pediu para que ficasse do seu lado para ajudá-lo caso necessitasse. Depois de demonstrarem tanta insegurança na escrita confesso que fiquei curiosa para saber o porquê de tanta insegurança, se era por vergonha ou porque realmente tinham dificuldades na escrita. Quando o aluno C. começou a escrever percebi que os erros que cometia eram muitos e são “erros” que precisam ser trabalhados nas séries iniciais do ensino fundamental. Durante a escrita ele sempre se dirigia a mim... *“como se escreve é assim? Acho que não né professora?”* (aluno C). O aluno a partir dessas perguntas demonstrava muita insegurança na escrita e demonstrava também ter consciência que sua escrita ainda não estava da maneira convencional. Eu sempre falava *“escreve do jeito que você sabe”*. Eu sabia que naquele momento eu não podia ficar intervindo em sua escrita, ele já estava se expondo demais perante a turma.

O que os alunos apontam também como motivo da infrequência no GA é a dificuldade de retornarem a escola devido à distância de casa na escola.

Já é tão difícil vir para a escola nas aulas regulares imagina retornar à tarde na escola para as aulas do Grupo de Apoio. *Eu moro longe da escola se tivesse um transporte eu frequentaria o GA.*(aluno D).

Eu perguntei para eles porque não almoçam na escola e permanecem na mesma para as aulas do GA. Nesse momento me mostraram os horários das aulas do GA e percebi que realmente não é possível permanecerem na escola porque a aula regular termina 11 e 20min e as aulas do GA começam somente às 14h, ou seja, é um período enorme que os alunos esperariam para frequentarem as aulas. Será que esse horário é bom para eles? Será que os atendem? Outro fator que os alunos alegam é que trabalham fora e não podem

retornar a escola para frequentarem o GA. Muitos alunos realmente trabalham fora, em um horário diferente ao horário de escola. Fator que é um complicador para que retornem à escola para frequentarem o GA. O grande problema está realmente no horário contra turno em que o GA é oferecido.

Os trabalhos que são exercidos pelos jovens não os dão segurança de emprego porque não tem carteira assinada. No entanto isso não é um fator que preocupa aos jovens.

*Eu preciso do dinheiro para comprar as minhas "coisas", minhas roupas, sapatos e preciso de dinheiro para sair com minha namorada. Eu sei que o meu trabalho na fazenda, cuidando dos gados, prejudica um pouco os meus estudos, mas não totalmente. Eu consigo estudar e trabalhar, eu só não consigo frequentar o Grupo de Apoio porque é no horário do meu trabalho. Eu sei professora que eu preciso estudar hoje para ter um futuro melhor amanhã, mas sei também que o meu trabalho não é o que faz eu não ir tão mal nos estudos. Eu não entendo muito bem as explicações dos professores e isso é o que faz com que eu me "ferre" e tomo bomba. (aluno A)  
O que a escola ensina eu não preciso aprender, eu nem uso nada disso na oficina que trabalho". (Aluno P. 16 anos)*

Depois de refletir sobre as diversas falas que envolvem o universo juvenil, dentro do contexto dos jovens da Escola Municipal João Narciso, um depoimento me levou a algumas considerações. As não necessidade dos conteúdos escolares estão ficando cada vez mais evidente entre os estudantes. O conceito de desnecessário no dicionário Hauaiss quer dizer: não é necessário. Dispensável, supérfluo, prescindível, inútil, vão.

A desvalorização da educação na sociedade brasileira afeta diretamente aos estudantes seu desejo de frequentar a escola e as alternativas de possibilitar mais oportunidades de aprendizagens aos alunos (Grupo de Apoio). Os jovens alunos percebem essa desvalorização da escola, e aprendem também a desvalorizar a escola, dificultando assim o processo de dar sentido a ela.

No entanto outro depoimento de um aluno que não respondeu ao questionário me levou a uma consideração paralela a anterior.

*Sei que a escola é importante para o meu futuro. Meu avô é analfabeto não conseguiu quase nada na vida. Precisa estudar porque senão é difícil de conseguir se dar bem na vida. (C. 14 anos).*

Percebe-se que a escola, ainda é para alguns jovens, a única possibilidade de ascensão social. A importância da família na exigência da frequência escolar também implica em uma responsabilidade e compromisso com a educação de seus filhos.

### **7.1- Pontos positivos e negativos**

Pode-se observar que os pontos positivos dessa prática foram a oportunidades de expressão de sentimentos em relação à infrequência no GA, os quais os jovens estudantes puderam relatar; a participação, mesmo com muita timidez, durante o debate; mesmo que poucos alunos tenham participado do debate os que fizeram demonstraram compromisso, deixando até de participarem de algumas aulas para colaborar com a atividade. Já os pontos negativos detectados foram à falta de tempo para desenvolver a prática, pois o pouco tempo disponível impediu que se desdobrassem as etapas com mais tranquilidade; a realização da prática no mesmo horário que os alunos estavam nas aulas; período de avaliação final; os alunos no final do ano fazem prova e vão embora.

## **8-CONCLUSÃO**

### **8.1 - A voz dos jovens**

Através das discussões acerca da infrequência no GA, constatou-se que todos conseguiram se expressar sobre o assunto, todos tinham opinião sobre e todos queriam ser ouvidos. Esse momento foi muito significativo para eles e para mim, já que nem sempre nós, professores, pedimos suas opiniões a cerca das demandas escolares. Foi um momento em que os alunos se sentiram sujeitos com identidade, falando da posição de alunos sobre o que pensam e o que querem. A verdade é que quase nunca os jovens têm oportunidade de expressar suas opiniões e pensamentos. Precisamos oferecer mais momentos de interação nas escolas. Falhamos quando não escutamos os jovens e os oportunizamos a contribuírem com suas ideias a cerca de um problema na escola. A experiência de dar ao aluno vez e voz, valorizar o que estão dizendo a partir de sua experiência como alunos e do seu olhar como jovem que

desejam falar. E isso só acontece quando a escola enxerga esses jovens como cidadãos participativos e atuantes, que podem contribuir com as diversas situações que ocorrem na escola.

## **8.2 - Tempo dos jovens dedicado ao trabalho**

O fato dos alunos trabalharem fora é um fator que contribui muito para a infrequencia dos mesmos no GA. Mesmo que alguns alunos não admitam que o trabalho os impeça de retornar a escola para participar do GA, percebe-se que durante as conversas eles entram em contradição e a infrequencia nas aulas é justificada pelo trabalho. Precisamos levar em conta a idade desses jovens, a valorização humana e a prioridade dos estudos. O trabalho precoce na vida dos jovens coloca em risco, muitas vezes, o futuro do nosso país.

Os pais desses alunos devem prover à família, sobretudo os filhos menores de idade, até que eles atinjam a maioridade e possam tornar-se independentes. Disso, todos nós sabemos. Então, o que temos de fazer é exigir dos jovens o empenho nos estudos, acompanhando e incentivando.

## **8.3- Distância de casa e o retorno à escola**

O trajeto de casa até o retorno à escola também é um fator que desestimula os alunos a frequentarem o GA. Os jovens alunos precisam retornar à escola depois do período de suas aulas regulares para frequentarem o GA. Os alunos afirmam na entrevista e nas conversas informais que moram longe da escola e ficam cansados de quase todos os dias retornarem para o GA. Se a escola buscasse uma estratégia de oferecer as aulas de reforço de maneira que os alunos almoçassem na escola sem a necessidade de terem que ir até em casa para almoçar certamente contribuiria para uma maior frequência nas aulas. O cronograma com os horários das aulas do GA tem um período muito grande entre as aulas regulares e as aulas de reforço. Se o cronograma fosse elaborado de forma que os alunos tivessem um intervalo de

aproximadamente 1 hora para almoçar na escola e logo em seguida iniciassem as aulas do GA evitaria que eles tivessem que enfrentarem o vai e vem do trajeto entre a escola e a sua casa. A diretora, quando questionada sobre essa possibilidade, afirma que essa estratégia já foi utilizada pela escola e não teve nenhum resultado.

#### **8.4 - Relação professor x aluno e família**

“Não se pode atribuir a “culpa” da infrequencia dos jovens no Grupo de Apoio da E.M ‘João Narciso” somente as condições de vida dos jovens nos quais os obrigam a trabalharem precocemente ou pela dificuldade de retornarem a escola para frequentarem as aulas. Percebe-se também que o bom relacionamento entre ambas as partes também é um fator que contribui para que a aprendizagem dos alunos fique comprometida. Quando existe diálogo entre escola e família os professores tem oportunidade de conhecerem mais seus alunos, suas realidades, suas histórias de vida e suas ansiedades. Os principais atores de uma sala de aula precisam estabelecer entre eles um bom relacionamento e um desejo muito grande de que o aprender e ensinar ocorra naturalmente e prazerosamente. Os alunos atribuem o insucesso de suas aprendizagens á escola. Essa por sua vez, atribui o insucesso escolar ao desinteresse dos alunos e também aos pais, que não assumem o seu papel de participar na vida escolar de seus filhos. Ou seja, novamente, o “jogo de empurra” a cerca dos culpados sobre o fracasso escolar entre professores, alunos e pais fica evidenciado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. “Fracasso /Sucesso: Um pesadelo que perturba nossos sonhos”. In: Em Aberto. Brasília, v.17, m.71, janeiro 2000.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Projeto de aceleração da Aprendizagem: “Acelerar para Vencer”, Documento Base. 2008

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Projeto de aceleração da Aprendizagem: “Acelerar para Vencer”. Guia de organização curricular. 2088

QUERINO, Magda Maria de Freitas. “Aceleração da Aprendizagem: A redescoberta do prazer de aprender”. In: Em Aberto Brasília.v.17,n.71,jan.2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CONGONHAS. Projeto Grupo de Apoio, Documento Base. 2006/2007

SETUBAL, M. A. Os Programas de Correção de Fluxo no Contexto das Políticas de Correção de Fluxo no Contexto das Políticas Educacionais Contemporâneas. Em Aberto. Brasília. V. 17, n. 71, p. 9-19, jan. 2000.

FURLANI, Lucia Maria Teixeira. *Autoridade do Professor: Meta, mito ou nada disso?*. Coleção Polemica de nossos tempos, Vol. 28. Editora Cortez, 1990.

DAYRELL, Jaurez A escola faz juventudes? Reflexões em torno da Socialização juvenil. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28 nº 100, p. 1105-1128, out 2007

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.

ABRANTES, Pedro. Jovens e estudantes: discussões teóricas. In: Os Sentidos da escola Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. Oeiras: Celta, 2003. P.

ANA PAULA, Corti e & RAQUEL, Souza – Diálogos com o mundo Juvenil: Subsídio para educadores, vol. 30. Editora Cortez.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

PAULO MARTONI (orgs). Retratos da juventude brasileira. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2005.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Perfil dos Jovens

	Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Idade	15	17	15	16
Cor	Preta	Branca	Preta	Preta
Bairro que mora	Joaquim Murtinho	Joaquim Murtinho	Joaquim Murtinho	Joaquim Murtinho
Quantas pessoas residem em sua casa incluindo você	6	6	5	4
Quantos irmãos moram com você na casa?	2	3	3	3
Situação de moradia:	Casa própria quitada	Casa própria quitada	Casa própria quitada	Casa própria quitada
Qual é a renda mensal aproximada da sua família, incluindo todos os rendimentos de todos os membros de sua família?	R\$ 1.200,00	Não sei	Não quero falar	R\$ 1800,00
Profissão do principal responsável pela sua família	Caseiro	Caminhoneiro	----- ----	Caminhoneiro
Quando você precisa conversar com alguém você procura:	Meu amigo	Meu amigo	Meu amigo	Meu amigo



## ANEXO 2 – Os jovens e a relação com a escola

	Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D
Já repetiu ano escolar?	Sim, mais de duas vezes	-----	Sim	Sim, mais de duas vezes
Já ficou algum tempo sem estudar?	Não	Sim	Não	Não
Se sim, qual o principal motivo?	Reprovação	Reprovação	Reprovação	Reprovação
Do que você mais gosta na sua escola?	Atividades físicas / educação física	Atividades físicas / educação física	Amigos	Amigos
O que você acha que poderia melhorar na sua escola?	Infra-estrutura (cadeiras, carteiras, prédio, quadra)	Professores	Professores	Professores
Quais das características você atribui a um professor que você considera nota 10?	Inteligência e conhecimento da matéria	Bom humor e gostar do que faz	Bom humor e gostar do que faz	Inteligência e conhecimento da matéria
Você já freqüentou o Grupo de Apoio?	Sim, apenas 01 vez	Sim, de 01 a 05 vezes	Sim, de 01 a 05 vezes	Não
Você gosta de freqüentar as aulas do Grupo de Apoio?	As vezes	Não	Não	Não

### ANEXO 3 - os jovens e a relação com o trabalho

	Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D
Você trabalhou nos últimos três anos?	Sim	Não	Sim	Sim
Em que você trabalhou?	Cuidando do gado na fazenda	Ajudante de pedreiro	Ajudando a concertar caminhão na oficina do meu tio	Ajudante de pedreiro
Você trabalha atualmente?	Sim	Não	Sim	Sim
Qual a situação da atividade exercida?	Atividade remunerada sem carteira assinada	Atividade remunerada sem carteira assinada	Atividade remunerada sem carteira assinada	Atividade remunerada sem carteira assinada
Você acha que o trabalho prejudica seu desempenho escolar?	Sim, mas não totalmente	Não trabalho Atualmente	Sim, mas não totalmente	Não atrapalha

## ANEXO 4 - os jovens, o lazer e os planos para o futuro

	Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D
O que você faz no tempo livre?	Esportes, academia, etc.	Esportes, academia, etc.	Ouçõ músicas	Esportes, academia, etc.
O que é mais importante pra você?	1 - Família, mãe, pai, irmãos, avós 2- Trabalho 3- Estudo	1 - Família, mãe, pai, irmãos, avós 2- Estudo 3- Trabalho	1 Família, mãe, pai, irmãos, avós 2-Dinheiro 3- Estudo	1 Família, mãe, pai, irmãos, avós 2-Trabalho 3- Estudo
Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda?	Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.	Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.	Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.	Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.
Se você pudesse escolher qualquer atividade/profissão para exercer, independentemente de qualquer limitação ou restrição, o que você gostaria de ser?	Fazendeiro	Mecânico	Mecânico	Trabalhar na Vale